

CONSCIÊNCIA NEGRA

A LUTA É PRETA E FEMININA

Manifestantes se reúnem em Brasília para a **Marcha das Mulheres Negras 2025**. Com delegações de diversos estados e países, alojamento na Granja do Torto conta com espaços de cuidado, saúde, descanso e atividades infantis

» VITÓRIA TORRES

Mulheres de todo o país e de diferentes regiões do mundo para a Marcha das Mulheres Negras 2025 por Reparação e Bem-Viver chegaram, ontem, à Granja do Torto. Milhares de participantes ocupam os 36 alojamentos preparados para recebê-las, em um espaço amplo, diverso e voltado ao acolhimento. A estrutura conta com áreas de descanso, atividades de cuidado, apoio psicológico, atendimento médico e espaços para crianças.

No local, o Espaço Bem Viver oferece massagem, práticas de relaxamento e um ambiente de descompressão voltado, especialmente, para crianças autistas. Há também o Espaço Fiocruz, com atendimento psicológico e médico; o Espaço Erê, destinado aos pequenos, com oficinas, brinquedos e cinema; além de outras atividades que garantem acolhimento integral às mulheres e suas famílias.

Para a lalorixá de Oxum (nome com o qual ela prefere ser identificada) e coordenadora da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde (Renafro), do Rio de Janeiro, de 61 anos, o encontro representa a defesa da vida em todas as dimensões. “Estar nessa marcha é importante porque, quando a gente para e pensa em uma mar-



Mulheres de todos os cantos do país chegaram ontem ao parque de exposição da Granja do Torto

cha com o tema Bem Viver, significa o direito de professar a minha fé, o direito da nossa juventude preta e favelada em pé, e que tenha mais dignidade”, afirma.

Ela reforça que a mobilização traz à tona desigualdades persistentes. “Marchar para nós é marchar por todas as sequelas da nossa sociedade. O nosso país não é seguro para a mulher negra. Quando nós pensamos que tínhamos avançado, veio o retrocesso político”, lamenta.

Adriana Andara Martins, 54, integrante do Comitê Sudeste da

Marcha das Mulheres Negras, do Estado do Rio de Janeiro, e do Movimento Negro Unificado e da Articulação de Mulheres Brasileiras, chegou ao alojamento com outras lideranças. Ela recorda a primeira marcha de que participou, realizada em 2015. “Na época, fomos recebidas com tiros por fascistas acampados aqui, mas mesmo assim participamos. Fomos em torno de 100 mil mulheres”, relembra.

Segundo Adriana, a expectativa para 2025 é ainda maior. “Estamos esperando cerca de 350 mil

mulheres. Ao longo do processo de organização, a perspectiva é de 1 milhão de mulheres negras envolvidas”. Ela destaca que a mobilização ultrapassou fronteiras. “Essa marcha já deixou de ser nacional, ela é global. Temos delegações de cerca de 30 países da América Latina, do Caribe e do continente africano participando”.

A Marcha na luta por justiça, reparação, dignidade e políticas será hoje, na área externa do Museu Nacional da República, com saída às 11h.

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Para a lalorixá de Oxum, Marcha é sobre dignidade e direito de professar a fé



Adriana Martins lembra da primeira marcha, em 2015: 100 mil mulheres

“Temos no presente um passado que não passa”

» MANUELA SÁ*

Integrante da coordenação da Marcha das Mulheres Negras 2025 por Reparação e Bem-Viver, que ocorre hoje, Rosane Borges, participou do Podcast do **Correio**, ontem. Durante bate-papo com as jornalistas Sibebe Negromonte e Giovanna Kunz, a jornalista e professora da PUC-SP falou sobre o planejamento e as expectativas para o evento. Também foi discutido o lançamento de seu livro *Imaginários emergentes e mulheres negras: representação, visibilidade e formas de gestar o impossível*.

De acordo com Rosane, a expectativa é que mais de 500 mil pessoas participem da segunda Marcha das Mulheres Negras, cuja meta é reunir um milhão de participantes. Embora o protagonismo seja das mulheres negras, todas as pessoas são bem-vindas. Trata-se de uma marcha de alcance nacional, que deve contar, ainda, com a presença de pessoas de 37 países.

A autora falou sobre os assuntos que ganham destaque este ano. “A marcha traz temas importantes e inescapáveis, para pensarmos a reparação histórica e as desigualdades que se perpetuam no presente. Elas são resultado de um país que escravizou por mais de 300 anos, e esse processo não sofreu nenhum tipo de interrupção. Temos no presente um

passado que não passa”, argumenta.

A jornalista também explicou a ênfase dada à luta pelo bem viver. Segundo Rosane, a ideia é inspirada pelos povos andinos. Para eles, a qualidade de vida vai para além de questões econômicas. Deseja-se alcançar, com o evento, outra relação do ser humano com a vida na Terra, uma que envolva mais equilíbrio e respeito. “É uma plataforma que abrange, de fato, uma mudança radical. Ela abala as estruturas”, enfatiza.

Outra meta da marcha é promover a elaboração de políticas públicas. Rosane considerou que houve mudanças significativas, mas que ainda é preciso avançar por meio do diálogo. Ela avaliou que, nesse sentido, o Governo perdeu “uma oportunidade de ouro de indicar uma mulher negra” como ministra do Supremo Tribunal Federal (STF).

Conquistas e desafios

Entre as conquistas do movimento negro, Rosane destacou a Lei de Cotas: “Elas figuram como uma das principais conquistas, porque elas mudam a biografia de jovens, fazem com que essas meninas e meninos sonhem em ser o que quiserem. Nossa avaliação é que essa política mudou o cenário sócio-racial no Brasil”.

Segundo Rosane, a marcha virou

Bruna Gaston/CB/D.A.Press



Assista ao Podcast do Correio na íntegra

Um país que escravizou por mais de 300 anos, e esse processo não sofreu nenhum tipo de interrupção.”

Rosane Borges, jornalista, jornalista, professora universitária e integrante da coordenação da Marcha

a COP30 do movimento negro devido aos vários eventos relacionados ao encontro que pipocam na cidade. O lançamento de seu livro *Imaginários emergentes e mulheres negras: representação, visibilidade e formas de gestar o impossível*, que ocorreu ontem, no Cine Brasília, é um deles. A autora contou que, na primeira parte, ela decidiu dar destaque à colapsologia, estudo dos riscos do colapso

da civilização industrial. “É o fim de um mundo dos combustíveis fósseis, da exploração predatória. Mas existem outras possibilidades e, nelas, nós, mulheres negras, somos protagonistas”, disse.

Além do foco na transição de modos de produção, o livro tem relação direta com a marcha. Na última parte, Rosane fala sobre bem-viver. A costura, metáfora presente ao longo de todo o livro, além de ser uma homenagem à mãe de Rosane, que é costureira, serve

para enfatizar uma forma de recriar o futuro. “É essa ideia de que a gente precisa bordar outro manto do mundo. Esse manto não cobriu nós, mulheres negras. Ele cobriu apenas os privilegiados. Então, quando a gente diz que precisamos estar debaixo do manto, não é só para nós, é para a coletividade”.

Para a próxima década, Rosane falou que deseja, como legado desse movimento, “expandir os imaginários sobre o que é ser mulher negra no Brasil”. Discurso e representatividade ganham ainda mais relevância, de acordo com a autora, no campo da comunicação. “O racismo não é exitoso apenas por sua face material, pela sua violência aparente, porque há a construção de um imaginário que antecipadamente nos convenceu de que nós éramos inferiores. Então atuamos para implodir esse conjunto sistêmico de imagens. Por isso, para nós, da comunicação, o tema do imaginário é importante ou deveria ser. Nossa profissão se orienta por imaginários”, argumentou.

Enquanto as mudanças não acontecem, Rosane ressaltou a importância de não ficar parado: “O nosso sonhar não é o da espera, é o da esperança, no sentido de Paulo Freire. A gente espera lutando”.

*Estagiária sob supervisão de Patrick Selvatti

FESTIVAL

FAD

BRÁSÍLIA

2025

CARMINHO

ANDRÉ DIAS & HUGO GAMBOIAS

TRIBUTO A PAREDES

26 NOVEMBRO / 20H00

AUDITÓRIO PLANALTO

ulysses

CONCERTOS | CONFERÊNCIA | CINEMA | EXPOSIÇÃO

FESTIVALFADOBRA.SÍLIA.COM

APOIOS INSTITUCIONAIS:

visit Portugal

EMBAIXADA DE PORTUGAL BRASIL

USBCA CULTURA

MUSEU do FADO

CASA GALLO

ABELAE O MONSTRO

GlobalNews

TEATRO: ulysses

COPIRODUÇÃO: Alto e Bom Som

COMUNIDADES DE BRASÍLIA

REPÚBLICA PORTUGUESA

CHARLES PARRIS JOURNALS

ROSSIO DE ARRANTES

Hplus HOTELARIA

Correio Braziliense

ALTO E BOM SOM

LISBOA

FUNDACÃO LUSO/BRASILEIRA

galp

UnB